

PRINCÍPIOS DE TRADUÇÃO REFERENTES ÀS PARTES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS DO SIGNIFICADO

1. O alvo do tradutor.

No livro Tradução Bíblica (pag. 7), acha-se a seguinte definição: “Traduzir é transmitir o significado exato da mensagem original, usando-se a construção gramatical e as expressões idiomáticas que são naturais na língua receptora” (isto é, na língua em que a tradução está sendo feita).

A fidelidade de uma tradução, pois, pode ser avaliada à base dos três critérios seguintes:

- a) deve transmitir o significado exato do original;
- b) deve usar as construções gramaticais e expressões idiomáticas que pertencem à língua em que a tradução está sendo feita;
- c) não deve incluir nada além daquilo que seja necessário para cumprir a) e b).

Pois não é lícito o tradutor incluir qualquer pensamento que a ele ocorra, além do significado que ele deve transmitir.

O presente estudo tem o propósito de expor o conceito de tradução acima citado, dando atenção especial a questão de informações que no original são implícitas mas na tradução são, às vezes, explícitas.

2. O que o significado não inclui: informações ambientes e implicações.

A autora (Katharine Barnwell) da definição acima citada (seção 1), destaca por sublinhação "o significado", na expressão "transmitir o significado exato da mensagem original". Do que consiste o significado da mensagem original? Podemos começar responder, identificando duas coisas que o significado não é. (Seja advertido o leitor, que a explicação a ser apresentada nesta seção é uma primeira aproximação, que será reformulada em seção 5 de uma forma mais adequada.)

O significado de um determinado trecho pode ser distinguida, de um lado, das IMPLICAÇÕES (lições, aplicações) que podem ser tiradas do trecho, e do outro lado, das INFORMAÇÕES AMBIENTES (históricas, culturais) que formam o contexto situacional do trecho. As implicações, por si, não formam parte do significado do trecho, mas são deduzidas à base dele. Semelhantemente, as informações ambientes, por si, não formam parte do significado do trecho, mas constituem a base a respeito da qual o significado se torna histórica ou culturalmente pertinente.

Figura 1, pois, mostra que as informações ambientes formam a base para o significado, e que o significado, por sua vez, forma a base para as implicações.

IMPLICAÇÕES
SIGNIFICADO
INFORMAÇÕES AMBIENTES

Figura 1.

Em seção 5 veremos que estes três tipos de informação não são sempre mutuamente exclusivos, como Figura 1 daria a entender. Mas o importante aqui é reconhecermos que o significado de um trecho nem sempre inclui tudo que talvez gostaríamos de ter em mente quando estudamos o trecho.

Por exemplo, consideremos Marcos 1.1-20 na Edição Revista e Atualizada (ERA) de João Ferreira Almeida. Uma informação ambiente, que não faz parte do significado, é o fato de que João Batista viveu sob o voto de nazireu (Num. 6), de consagração especial. Outra informação ambiente é o fato de que João se vestia como o profeta Elias o tinha feito. São fatos interessantes e enriquecedores para nosso entendimento desse trecho, mas realmente não fazem parte do significado propriamente dito, e por isso não' devem aparecer numa tradução deste trecho.

Em versículo 4 deste trecho lemos que João apareceu no deserto, "pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados". Seria bom se cada pessoa, lendo esse versículo, reconhecesse que Deus requer dele o arrependimento, para que os pecados dele sejam perdoados. Seria bom até acompanhar este versículo com um apelo pessoal ao arrependimento. Mas isto seria uma implicação, uma lição tirada do trecho, que não deve fazer parte da tradução por si. Por exemplo, nenhuma tradução deve acrescentar ao versículo 4 uma mensagem como a seguinte: "E tu também, caro leitor, pode achar o perdão de Deus, se arrependeres dos teus pecados". Seria uma implicação válida feita à base do significado, mas não faz parte do significado, propriamente dito, deste trecho.

O alvo do tradutor é "transmitir o significado exato da mensagem original", e não as informações ambientes, nem as implicações, consideradas por si. ESTAS COISAS, À MEDIDA QUE NÃO FAZEM PARTE DO SIGNIFICADO, PERTENCEM À PARTE DO ENSINAMENTO QUE PODE E DEVE SER FEITO À BASE DA TRADUÇÃO, tanto por pessoas idôneas (e de preferência na língua materna do ouvinte), como pelo Espírito Santo. O PAPEL DO TRADUTOR É LANÇAR A BASE PARA ESSE ENSINAMENTO. Esta base, que é a própria tradução, consiste justamente do "significado exato da mensagem original", na linguagem dos leitores.

3. O que o significado inclui: a parte explícita e a parte implícita.

Em seção 2, vimos que, do lado negativo, "o significado de um trecho" não inclui tudo que talvez gostaríamos de ter em mente, quando estudamos o trecho. Agora, consideremos 'o lado positivo, isto é, o que o significado de um trecho realmente inclui.

Voltemos para examinar de novo o trecho. Mc 1.1-20 na ERA de Almeida. Em v.19, acha-se a expressão "Tiago, filho de Zebedeu". No original grego, porém, a palavra "filho" não consta: "Tiago o do Zebedeu", só isto. Será que neste ponto a tradução de Almeida é infiel? A resposta depende muito de nosso conceito do "significado da mensagem original". Somente se o significado do original incluir o conceito "filho, pode a ERA ser considerada fiel neste ponto.

“O significado do original” é AQUILO QUE OS LEITORES ENTENDIAM DO TEXT ORIGINAL. De um lado pode-se dizer, “Então, não podemos descobrir o significado da mensagem original, pois não podemos examinar as mentes dos leitores do original.” De outro lado, porém, "aquilo que os leitores entendiam do texto original" pode ser descoberto através de um estudo científico da parte gramática-semântica da língua grega, que há muitos anos vem sendo desenvolvido, e cujos resultados são acessíveis em comentários bíblicos e obras sobre a língua grega. E verdade que restam alguns casos em que "o significado da mensagem original" ainda está em dúvida, mas isso é realmente a exceção. (Em português ou guarani, é mais fácil descobrir o significado que está sendo comunicado pela tradução: perguntar ao leitor.)

Voltemos a considerar a palavra "filho" em Mc 1.19. A nossa pergunta agora é a seguinte: Quando os leitores do original leiam "Tiago o do Zebedeu" em grego, eles entendiam ou não que Tiago era o filho de Zebedeu? E se eles assim entendiam, foi através do texto original, ou foi através do seu conhecimento prévio da situação (no caso de informações ambientes) ou do ensinamento (no caso de implicações)? Neste caso, podemos dizer, à base de estudos da língua original, que “Tiago o do Zebedeu” era uma maneira bem comum para comunicar o significado "Tiago filho de Zebedeu". (A palavra “filho”, por exemplo, não consta no original grego da genealogia de Jesus em Lc 3.24-38, sendo subentendida.) Então, concluímos que o conceito "filho" realmente fazia parte do significado da mensagem original, e que sua inclusão na tradução ERA de Almeida em Mc 1.19 é lícita.

Outro exemplo semelhante se acha em At 10.25, onde no fim do versículo a ERA tem "o adorou", isto é, Cornélio adorou a Pedro. Neste ponto a Bíblia Vida Nova fornece uma nota de rodapé, explicando o seguinte: “O está sub-entendido: não consta no original.” Isto quer dizer que não é explícito no original que foi a Pedro que Cornélio adorou; podia ter adorado a Deus ou a um dos outros homens presentes. Mas realmente os leitores originais entendiam, ou melhor,

subentendiam, que foi a Pedro que Cornélio adorou. O versículo seguinte confirma que isso é certo. Então, o pronome "o", ou realmente qualquer expressão que refira aqui ao Pedro, seria lícita incluir numa tradução, pois a identificação de Pedro faz parte do significado das palavras finais no original de At 10.25.

Se estamos de acordo nesse ponto, podemos reconhecer que O SIGNIFICADO DE UM DETERMINADO TRECHO É NEM SEMPRE EQUIVALENTE SIMPLEMENTE ÀS PALAVRAS DO TRECHO, Agora precisamos ter muito cuidado, mas vamos prosseguir. Estamos dizendo que a objeção às vezes proferida, "Mas isso não consta nas palavras do original!" tem que ser avaliada cuidadosamente do ponto de vista do significado do trecho, e não meramente do ponto de vista das palavras individuais que se acham no trecho. Do ponto de vista das palavras individuais, "filho" não consta no original de Mc 1.19, e a identificação de Pedro não consta em At 10.25. Mas do ponto de vista do significado, ambos conceitos constam no original, pois os leitores do original os subentendiam somente do texto original.

Podemos, então, introduzir aqui dois termos, e dizer que o O SIGNIFICADO DO ORIGINAL É CONSTITUIDO DE DUAS PARTES: A PARTE REPRESENTADA EXPLICITAMENTE, E A REPRESENTADA IMPLICITAMENTE.

A parte explícita do significado é aquilo que se encontra no significado das palavras individuais que constam no original: a palavra "Tiago" quer dizer "Tiago", e "adorou" quer dizer "adorou", e pronto. A parte implícita do significado é aquilo que realmente faz parte do significado (era entendido do texto original), mas não explicitamente. Em Mc 1.19, o conceito "filho" é da parte implícita do significado, como em At 10.25 a identificação de Pedro. (Realmente, a identificação de Cornélio, como sujeito do verbo "adorou", era também entendida implicitamente, através das normas gramático-semânticas do grego; mas sendo que as normas neste caso são iguais para o grego e o português, não há o que nos chama atenção a esse fato aqui.)

Portanto, "o significado de um trecho" pode ser representado assim:

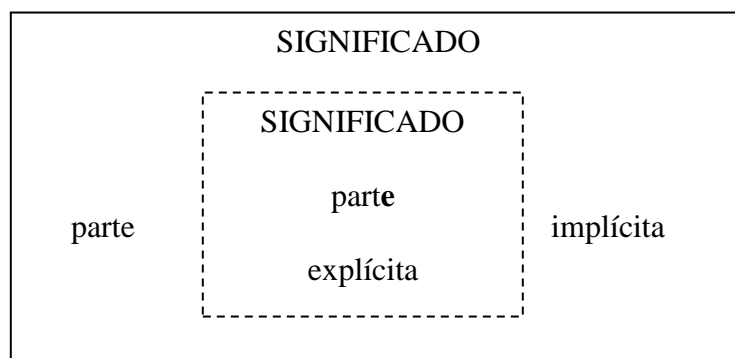


Figura 2.

Nesta altura, pode surgir o seguinte receio: "Se o significado a ser traduzido realmente inclui uma parte implícita que não é tão estreitamente ligada à forma das palavras que constam no original, então a porta está aberta para o tradutor incluir na tradução todo tipo de coisa, como ele quer." Esse tipo de receio é natural, e, ao certo ponto, sadio e útil. Mas realmente, **HÁ LIMITES À PARTE IMPLÍCITA DO SIGNIFICADO, POIS O PRÓPRIO SIGNIFICADO** (a conceituação adotada no presente estudo) **TEM SEUS LIMITES**. Isso já vimos em seção 2, onde pensávamos no contraste entre o significado de um trecho e, de um lado, as informações ambientes e, do outro lado, as implicações. Os limites do significado servem também como limites para a parte implícita do significado. Em seção 5 vamos examinar esses limites mais cuidadosamente.

4. A tradução e o significado do original

Em seção 1, vimos que a tradução deve comunicar "o significado exato da mensagem original". Em seção 3, vimos que esse significado do original é constituído de duas partes: a parte explícita e a parte implícita. Pode-se dizer, de igual modo, que o significado da tradução também consiste de duas partes: a parte explícita e a parte implícita. O alvo do tradutor, pois, é que a totalidade do significado da tradução seja igual à totalidade do significado do original, assim:

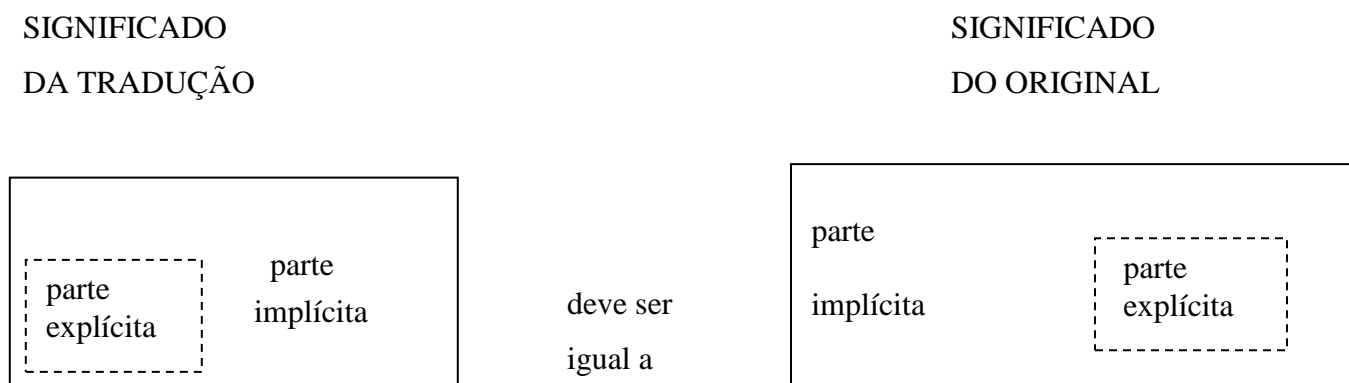


Figura 3.

É por isso mesmo que os tradutores da ERA suprimiram a palavra "filho" em Mc. 1.19 e "o" em At 10.25, para que o significado total seja preservado pela tradução. Isso implica que a parte explícita em português, nesses casos, seja diferente da parte explícita em grego, pois na tradução o conceito

de "filho" e a identificação de Pedro já mudaram da parte implícita para a parte explícita do significado. Já se mudou, pois, a distribuição das duas partes componentes do significado total (como Figura 3 também indica), mas o significado total é preservado. O bolo é cortado diferente, mas permanece o mesmo bolo.

Realmente, qualquer tradução bíblica vai suprir, em forma explícita, algumas informações que no original se achavam dentro da parte implícita do significado. Isso é devido em parte às diferenças entre as normas gramático-semânticas das duas línguas, e em parte às diferenças culturais e históricas entre os dois povos. Já encontramos, na palavra "filho" na ERA de Mc 1.19, um exemplo que mostra a diferença entre normas gramático-semânticas. Com o pronome "o" na ERA de At 10.25, realmente, temos alguma indicação de diferença cultural entre o mundo neotestamentário e o Brasil moderno, pois aqui não é comum a adoração de pessoas humanas (salvo quando o papa nos visita!) como era naquela época, e por isso a omissão em At 10.25 de qualquer referência a Pedro pode levar alguns leitores modernos a pensar que Cornélio estava adorando a Deus. Quanto mais radicais as divergências lingüísticas e culturais da língua e cultura neotestamentária (como no caso de línguas e culturas indígenas), tanto mais diferente o bolo do significado terá que ser cortado. Mas o bolo por si, deve permanecer o mesmo.

(Algumas traduções tentam indicar as informações supridas por usarem a letra itálica (por exemplo, a Edição Revista e Corrigida de Almeida); outras não a usam (a Edição Revista e Atualizada de Almeida), mas todas as traduções suprimem algumas informações que no original são implícitas. O uso da letra itálica é problemático por duas razões: (1) não é possível indicar todas as informações supridas, dessa maneira; (2) a letra itálica pode dar a impressão que as informações supridas realmente não pertencem à tradução, e não fazem parte da Palavra de Deus. Isto seria errado, porque a tradução trata do significado total de um trecho no original, e não somente da parte explícita.

(3) A letra itálica é destrutiva, porque é usada também para indicar ênfase. Por isso, a Edição Revista e Atualizada tem razão em não usar a letra itálica.)

5. Pelas fronteiras do significado.

Antes de ser apresentados mais exemplos da Bíblia, vamos focalizar mais uma vez no conceito do significado total e na sua delimitação. Aqui consideramos alguns casos relativamente raros mas, ao mesmo tempo, importantes.

A seção 2 talvez deixe a impressão que as três setores – informações ambientes, significado, e implicações – são sempre mutuamente exclusivas. Até Figura 1 dá apoio a essa noção. A realidade é um pouco mais complicada, sendo representada em Figura 4.

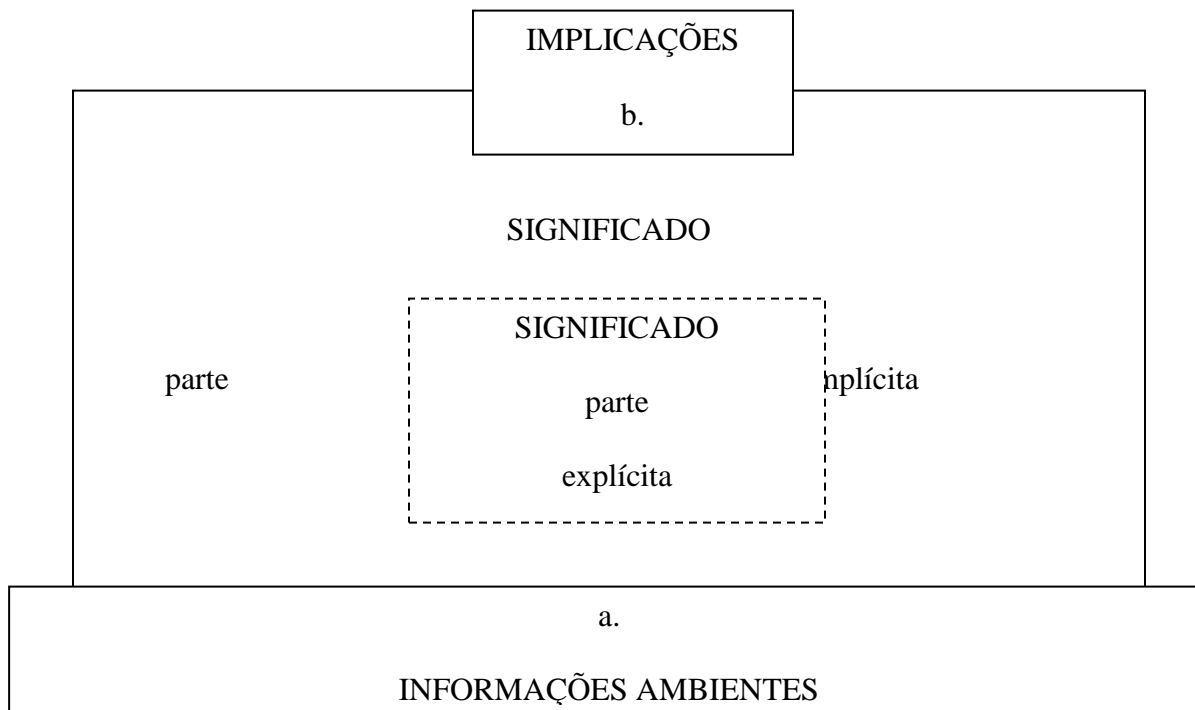


Figura 4

Figura 4 quer dizer que as vezes, mas nem sempre, há uma informação ambiente ou uma implicação que, para determinada tradução, é realmente incluída na parte implícita do significado, e com boa razão.

Por exemplo, em Mc 1.2 a tradução em guarani inclui as palavras "Deus disse" antes da profecia "Eis aí envio". Para os leitores originais, "Deus disse" era uma informação ambiente: todo o mundo já sabia que Deus falava através dos seus profetas. Mas também, o fato de que em Mc 1.2 e Deus que esta enviando seu mensageiro, faz parte do significado total deste trecho: os leitores entendiam, lendo o trecho, que foi Deus e não Isaías que estava enviando João Batista. Então, a informação representada em guarani por "Deus disse" era ao mesmo tempo, para os leitores originais, tanto uma informação ambiente como uma informação implícita dentro do significado total. Cabe, portanto, na área em Figura 4 marcada pela letra "a".

Mas qual é a razão pela qual a expressão o "Deus disse" aparece na tradução em guarani? Não é por ser mera informação ambiente, tão interessante que seja; mas sim, é por fazer parte do significado total do original.

Exemplos na área "b." de Figura 4 são mais raros ainda, mas talvez Lc 12.23 em guarani sirva. Em vez de ter "a vida é mas do que o alimento", em guarani se acha "nossa vida". Talvez a expressão "nossa vida" seja mais perto das implicações e aplicações deste versículo que a expressão "a vida", mas não é por isso que em guarani se acha "nossa vida". Mas sim, é uma questão de diferença lingüística: em guarani, os provérbios de aplicação geral se expressam com o plural da primeira pessoa: "nós, nosso", etc. Visto que o ditado de Lc 12.23 realmente tem aplicação geral a todos nós, o conceito "nossa" realmente faz parte do significado total deste versículo, mesmo sendo implícito no grego. É esta a razão de que "nossa vida" pode constar em guarani; mas simplesmente ser mais perto das implicações, por si, não é razão lícita.

Podemos também pensar nos seguintes termos. Os leitores não chegam à leitura do texto com as mentes "em branco", mas sim, trazem à leitura preconceitos de todo tipo: ensinamento prévio, experiência própria, cultura própria, e certo padrão de raciocínio e inferência. À MEDIDA QUE O ESCRITOR DEPENDE DESSES PRECONCEITOS DOS LEITORES PARA QUE O TEXTO SEJA CORRETAMENTE ENTENDIDO, TAIS PRECONCEITOS PODEM SER CONSIDERADOS COMO SENDO INCLUIDOS NO SIGNIFICADO TOTAL DO TEXTO, NA PARTE IMPLÍCITA. A razão é, que o escritor não tem que dizer aquilo que sabe que seus leitores vão subentender; e tudo que eles entendem do texto, constitui o significado do texto. Devemos deixar claro aqui que nem todos os preconceitos dos leitores vão entrar no significado do texto; realmente poucos o vão, somente aqueles que são necessários para o entendimento correto daquilo que foi realmente escrito, e que constitui o texto.

6. Mais exemplos da ERA.

Para melhor ilustrar tudo isso, são apresentados aqui mais alguns exemplos da Edição Revista e Atualizada (ERA), do trecho Mc 1.1-20. Nestes exemplos, as palavras sublinhadas representam informações que no original grego eram implícitas dentro do significado total, mas que na ERA se tornaram explícitas.

- v.2 "Conforme está escrito na "Profecia de Isaías" O grego somente tem "no profeta Isaías", deixando implícito aquilo que Isaías escreveu.
- v.5 "saíam a ter com ele" O grego, "saíam a ele", deixa implícito o propósito deles.
- v.11 "então foi ouvido uma voz dos céus" O grego, "e houve uma voz dos céus", deixa implícitas duas informações: a seqüência temporal, e a percepção da voz.
- v.13 "mas os anjos o serviam" O grego, "e os anjos o serviam", como no v.11, usa uma conjunção mais 'neutra, que aqui deixa implícita o elemento de contraste.
- v.16 "lançavam a rede no mar" O grego "lançavam no mar" deixa implícito o objeto do verbo "lançar".
- v.18 "então eles" O grego, "e eles", deixa implícito o elemento de seqüência temporal.
- v.19 "Tiago filho de Zebedeu" O grego; "Tiago o do Zebedeu", deixa implícito "filho", que seria subentendido por leitores neotestamentários.
- v.20 "após Jesus" O grego, "após ele", deixa implícita a identificação da pessoa que foi seguida.

Pode-se dizer, "Mas todos estes exemplos estão somente dizendo a mesma coisa em outras palavras." Sim e não. Estão comunicando o mesmo significado, mas somente por acrescentar, à parte explícita, alguma informação que no original era implícita, mas ainda fazia parte do significado total. Pois em cada caso, a informação suprida não era explicitamente presente no grego, mas também não era completamente ausente; era presente implicitamente no significado total.

7. Da parte implícita para a explícita: três critérios.

Até esta altura, temos visto que é geralmente licito "re-cortar o bolo", isto é, fazer uma redistribuição das partes explícitas e implícita dentro do quadro do significado total, uma vez que a tradução realmente preserve o significado total. Podemos, dentro deste quadro, tornar explícitas algumas informações que no original eram implícitas, e vice-versa.

Mas, realmente, NÃO QUEREMOS RE-CORTAR O BOLO SEM BOA RAZÃO; CADA MUDANÇA, DA FORMA IMPLÍCITA PARA A EXPLÍCITA OU VIC&-VERSA, DEVE ACHAR SUA RAZÃO DENTRO DE NORMAS BEM-MOTIVADAS. Agora vamos examinar algumas normas ou critérios desse tipo.

O livro Tradução Bíblica nos fornece em pag. 56, as seguintes três circunstâncias nas quais pode ser lícito mudar uma informação da forma implícita para a explícita.

- a. Quando não se pode evitar isso, porque a gramática da língua da tradução o requer.
- b. Quando o significado do original não seria entendido na língua da tradução, se alguma informação implícita não for dada de forma explícita.
- c. Quando é exigido pelo fato de que a língua da tradução ter características de estilo diferentes das da língua original. Vamos dar nomes a estas três circunstâncias: a. obrigação gramatical, b. necessidade semântica, c. naturalidade estilística. Todos os exemplos do trecho Mc 1.1-20 da ERA, citados em seção 6, cabem dentro de uma ou outra destas três categorias, e alguns cabem em mais que uma.

a. OBRIGAÇÃO GRAMATICAL

- v.16 O português exige um objeto direto para o verbo transitivo "lançar".
- v.19 Em português, uma expressão da forma "pessoa X o do do pessoa Y" não seria gramatical.

b. NECESSIDADE SEMÂNTICA

- v.16 Sem suprir "a rede", seria mais difícil saber o que eles estavam lançando no mar.
- v.19 Sem suprir "filho", seria difícil saber a relação entre Tiago e Zebedeu.
- v.20 Sem suprir "Jesus", podia ser um pouco difícil identificar a pessoa que eles seguiram. (O nome mais próximo é o de Zebedeu.)

c. NATURALIDADE ESTILÍSTICA

- v.2 A expressão "escrito na profecia" é mais natural em português do que "escrito no profeta".
- V5 A expressão "saíam a ter com ele", eu suponho, é mais natural do que "saíam a ele".
- v.11, v.18 A conjunção "então", eu suponho, é mais natural aqui do que "e", por alguma razão.
- v.13 A conjunção "mas", seguindo a referência as feras, pode ser mais natural do que "e".

(Eu não domino bem o estilo do português, e por isso não posso citar razões firmes nesta categoria. Se vê, porém, que diferenças devidas ao estilo, por sua natureza, não têm muito a ver com o significado.)

8. Exemplos da tradução em guarani.

Comparando a tradução em guarani, com a do português (ERA), notamos que são muito mais numerosos os exemplos da mudança de informações nesta direção, da parte implícita para a explícita. Isso é devido a três fatores, dois dos quais são lingüísticos, e um cultural: as diferenças estruturais que existem entre línguas indo-europeus e línguas indígenas, as diferenças estilísticas que existem entre um estilo literário bem desenvolvido e um estilo basicamente « da fala, e as diferenças culturais que existem entre a civilização ocidental e a vida tribal.

Mesmo assim, a mudança de informações implícitas para serem explícitas deve ser feita dentro das mesmas normas como na tradução em português, as quais foram apresentadas em seção 7.

As três categorias manifestam-se em guarani de várias maneiras. Seguem aqui algumas das mais importantes circunstâncias em guarani, que podem necessitar que uma informação implícita seja mudada para a forma explícita.

a. OBRIGAÇÃO GRAMATICAL

Nós" incluindo o ouvinte v. "nós" excluindo o ouvinte

Mc 4.38 "Mestre, não te importa que pereçamos!"

Aqui é implícito que os discípulos achavam que Jesus também estivesse no mesmo perigo, ou pelo menos assim nós traduzimos. A língua guarani exige-nos aqui uma escolha entre duas formas explícitas: ou “nós” incluindo Jesus, ou “nós” excluindo Jesus.

Flexão de tempo nos substantivos

Isto é geralmente mais fácil. Mc 1.2 “caminho” tem em guarani a flexão do futuro. Mc 1.4 “pecados” tem a flexão do passado, para não ter a do presente ou do futuro.

Flexão de pessoa com conceitos verbais

Em Mc 1.4, os conceitos "batizar", "arrepender", "remissão", e “pecados” têm que ser traduzidos em guarani por verbos finitos, com flexão de pessoa (sujeito gramatical). Além disso, o objeto direto tem que ser identificado com os verbos transitivos (“batizar”, “remeter”). Por isso, a tradução em guarani deixa explícito que foi João que batizava as pessoas que arrependeram-se dos pecados que eles mesmo tinham cometido, para que Deus remetesse os seus pecados. A identificação de todos estes participantes era implícita no grego (e no português), mas tem que ser explícita no guarani, pela obrigação gramatical. .

Flexão de tempo com conceitos verbais

Em Mc 1.2 "está escrito" se traduz com um verbo finito que obrigatoriamente leva flexão de tempo. Por isso, aqui em guarani se acha a palavra "antigamente".

Categoria gramatical de pessoa

Em guarani, uma pessoa não pode falar sobre si dizendo "ele"; tem que usar "eu" em alguma forma. Por isso, Mc 2.28 "o Filho do homem é" tem que ser traduzido "eu, o Filho do homem, sou". (realmente, "o Filho do homem" e traduzido em guarani, "eu quem me fiz homem".) O importante aqui é que era somente implícito no grego que Jesus estava falando sobre si, e este fato tem que ser explícito no guarani, por razões gramaticais.

Caso genitivo do grego

Em Mc 1.1 "evangelho de Jesus Cristo", a preposição "de" traduz em português o caso genitivo do grego. Tanto no português como no grego, é somente implícito que Jesus é o assunto do evangelho, em vez de ser a pessoa que contou o evangelho. Realmente as duas interpretações são possíveis, mas a língua guarani não pode preservar a ambigüidade, como se faz em português. Então a tradução em guarani deixa explícito aqui que Jesus é o assunto do evangelho, pois julgamos isto ser o significado principal das palavras "evangelho de Jesus Cristo".

b. NECESSIDADE SEMÂNTICA

Algumas informações ambientes

Em Mc 1.2, foi julgado necessário deixar explícito o fato que foi Deus que ia enviar seu mensageiro: "Deus disse antigamente: Eis aí envio..." Razão: Os leitores originais subentendiam que, no contexto profético desta citação, o falante foi identificado como Deus; o leitor típico guarani, porém, não ia subentender este fato, com o resultado que o sujeito do verbo "envio" seria identificado erroneamente como sendo Isaias.

Em Mc 1.5, a tradução em guarani deixa explícito o fato de ser Jerusalém uma cidade. Isto também é uma informação ambiente que o leitor típico neotestamentário subentendia, mas que o leitor típico guarani não ia subentender.

Linguagem figurativa

Este assunto é muito complexo, e não vou entrar muito nele aqui. Basta dizer que pretendemos que o leitor típico guarani tenha as condições de entender aquilo que os leitores

originais entenderam de uma figura. (Algumas figuras eram enigmáticas ate originalmente, e a tradução não deve tentar explicar tudo.) Um exemplo: Lc 11.52 "tomastes a chave da ciência", se traduz em guarani "vocês não deixam que seus parentes cheguem a saber a sabedoria de Deus". Esta figura não foi falada para ser enigmática, mas julgamos que o seria para o leitor típico guarani, se fosse preservada a linguagem figurativa. (O acréscimo "de Deus" em guarani é gramaticalmente necessário, pois "sabedoria" precisa de flexão de pessoa.)

Definição descritiva

Em Mc 1.21, "sinagoga" em guarani é "o lugar onde os judeus sempre estudavam/oravam a Deus". (A palavra em guarani "estudar/orar" denota vários tipos de atividade religiosa.) Mesmo que a palavra "sinagoga" no grego (e no português) não inclua explicitamente os conceitos "judeus", "estudar/orar", e "Deus", tais conceitos são realmente implícitos nesta palavra, pois a palavra "sinagoga" tem por sua definição, "casa religiosa dos judeus". A expressão em guarani não passa a ser uma definição descritiva de uma palavra técnica, que em guarani não existe.

c. NATURALIDADE ESTILÍSTICA

Conjunções

Enquanto o português omite muitas conjunções gregas por razões estilísticas (seção 9), o guarani as retém e muitas vezes aumenta seu número. Muitas vezes, isso não tem nada a ver com o significado. Em Mc 1.19, porém, uma conjunção "e daí" na tradução em guarani deixa explícito que os acontecimentos de v.19 ocorreram depois dos de v.18, o que é implícito no original.

9. Mudanças da parte explícita para a implícita

Como ia para se esperar, é possível que umas informações manifestadas explicitamente no original, se tornem implícitas numa tradução. As circunstâncias que permitem este tipo de mudança correspondem rigorosamente às três que permitem mudança na outra direção (seção 7). Então, uma informação que no original era explícita, pode tornar-se implícita na tradução, somente:

- a. Quando não se pode evitar isso, porque a gramática da língua da tradução não permite (podemos chamar de impossibilidade gramatical).

- b. Quando o significado seria claro na tradução sem incluir alguma informação que no original era explícita (desnecessidade semântica).
- c. Quando é exigido pelo fato de que a língua da tradução. ter características de estilo diferentes das da língua original (naturalidade estilística).

Para ilustrar o processo nesta direção, na língua portuguesa, são apresentados aqui alguns exemplos da ERA.

a. IMPOSSIBILIDADE GRAMATICAL

Mc 1.15 O verbo "arrependei-vos", em português, não indica explicitamente trata-se de uma ação momentânea de arrependimento, ou de um processo durativo de arrependimento. O grego indica explicitamente, através da flexão verbal do aoristo, que trata-se aqui de uma ação momentânea. Eu creio que este elemento do significado seja geralmente subentendido pelo leitor típico do português. Então, temos aqui uma informação que no original era explícita, mas que em português se torna implícita, pela impossibilidade gramatical, pois com verbos no imperativo o português não tem condições de fazer a distinção entre ação momentânea e ação durativa. Outros aoristos gregos que são implícitos no português: v.3 "preparai", v.7 "curvando-me" e "desatar", v.15 "crede", v.20 "deixando", etc.

b. DESNECESSIDADE SEMÂNTICA

Mc 1.6 "ele trazia um cinto de couro". A expressão grega "em redor de seus lombos" é omitida na ERA, tornando-se implícita, sendo desnecessária para o leitor típico de português. Em outras palavras, não é necessário preservar a forma explícita do original, para preservar o significado. Este exemplo mostra claramente que os tradutores da ERA realmente importavam-se com a preservação do significado, e não apenas com a preservação da forma explícita das palavras.

Mc 1.19 "pouco mais adiante" Na ERA, é omitida uma expressão que no grego significa "passando". Em português, é implícito aqui que Jesus passara um pouco mais adiante quando viu Tiago e João.

Mc 2.27 A expressão "acrescentou" traduz o grego "disse-lhes". Deixando fora aqui o fato de que o verbo "acrescentar" substitui "dizer" por razões estilísticas, notamos que o objeto indireto "lhes" é somente implícito no português.

c. NATURALIDADE ESTILÍSTICA

O português, em comparação com o grego, emprega poucas conjunções entre períodos. Por isso, a ERA omite a conjunção "e", que no grego acha-se no começo de Mc 1.5, .6, .9, .10, .13, .16, .17, .19, e no começo do segundo período de Mc 1.20. Se consideramos que "e" no grego é, em algumas das suas ocorrências, um indicador (embora meio fraco) de seqüência temporal, reconhecemos que a sua omissão torna implícito esse elemento de significado.

As informações explícitas no original que se tornam implícitas no guarani, são mais raras do que no português. Os exemplos da flexão do aoristo, porém, vão ocorrer como no português.

10. Uma advertência bíblica

Pv 30.6: "Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso". Esta advertência, que é repetida em várias formas através da Bíblia, junto com a advertência de não diminuir nada das palavras do Senhor (Dt 4.2, 12.32, Ap 22.18-19), aplica-se claramente à obra de tradução, e nos deixa com uma responsabilidade profunda.

Mas de que maneira aplica-se à tradução! Será que devemos verificar que cada palavra *na* tradução corresponda a uma só palavra no original? Ou, se não traduzirmos palavra-por-palavra, então será que devemos traduzir expressão-por-expressão, ou periodo-por-periodo? Creio que a advertência bíblica tem um sentido mais profunda, que trata do significado e não somente da forma das palavras da tradução, pois podemos ser mentirosos somente se comunicarmos um significado errado, ou darmos uma impressão errada, seja qual for a forma das nossas palavras.

Vamos considerar as duas seguintes interpretações possíveis para Pv 30.6: (1) a parte explícita do significado da tradução (a soma dos significados das palavras individuais que estão escritas na tradução), deve corresponder rigorosamente à parte explícita do significado do original; (2) o significado total (a parte explícita mais a parte implícita) da tradução deve ser rigorosamente igual ao significado total do original. A primeira interpretação seria, preservar a parte explícita do significado; a .segunda seria, preservar o significado total. Eu creio que **NENHUM TRADUTOR TEM SEGUIDO COMPLETAMENTE, EM PRÁTICA, A PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO, mesmo crendo que deva segui-la, simplesmente PORQUE O RESULTADO, COM SUAS DISTORÇÕES INEVITÁVEIS DO SIGNIFICADO, NÃO SERIA SATISFATÓRIO A NINGUÉM.** Uma tradução "Tiago o do Zebedeu" de Mc 1.19 ia preservar rigorosamente a parte explícita do significado do grego, mas justamente por causa disso não iria comunicar o significado total que o grego comunicou a para seus leitores. **FIDELIDADE SOMENTE À FORMA ESCRITA DE UM TRECHO ÀS VEZES DESTORCE SEU SIGNIFICADO TOTAL.**

Os tradutores da ERA evidentemente acreditavam que a segunda interpretação de Pv 30.6 fosse a certa, pois a seguiam em muitos casos. Eu também o acredito. Mesmo que isso complique a obra de tradução, de outra maneira eu não saberia traduzir. A presente pesquisa tem tentado demonstrar que as normas encontradas no livro Tradução Bíblica são razoáveis e resultam naquilo que já se acha em traduções como a ERA.

11. Resumo.

- a. "Traduzir é transmitir o significado exato da mensagem original, usando-se a construção gramatical e as expressões idiomáticas que são naturais na língua receptora."
- b. O significado de um determinado trecho pode ser distinguido, de um lado, das implicações que podem ser tiradas do trecho, e do outro lado, das informações ambientes que formam o contexto situacional do trecho.
- c. As informações ambientes e implicações, à medida que não fazem parte do trecho, pertencem à parte do ensinamento e não à da tradução. O papel do tradutor é lançar a base para esse ensinamento.
- d. "O significado da mensagem original" é aquilo que os leitores do original entendiam do texto original.
- e. O significado de um determinado trecho é nem sempre equivalente simplesmente à soma das palavras individuais do trecho.
- f. O significado de um determinado trecho, tanto no original como na tradução, constituído de duas partes: a parte representada explicitamente, e a representada implicitamente.
- g. Às vezes é necessário mudar para a forma explícita alguma informação que no original era implícita, ou vice-versa, dentro do quadro do significado total.
- h. Tais mudanças, quando ocorrem, devem ser motivadas dentro de limites rigorosas, tais como obrigação gramatical, necessidade semântica, e naturalidade estilística em mudar uma informação da forma implícita para a explícita, e limites correspondentes em mudanças na outra direção.
- i. Quando motivos dos acima citados estiverem faltando, ou em dúvida, melhor preservar somente a parte explícita.

- j. À medida que o escritor depende dos preconceitos dos leitores para que o texto seja corretamente entendido, tais preconceitos podem ser considerados como sendo incluídos no significado total do texto, na parte implícita.
- k. A tradução de Almeida em português (Edição Revista e Atualizada), contém exemplos de todos os princípios acima mencionados.
- l. São necessárias muita vigilância e oração para executar uma tradução.

Roberto Dooley

Rio Guarani

1 de agosto de 1980